

NATUREZA E FREQUÊNCIA DE CONFLITOS NOS CONTEXTOS ESCOLARES

NATURE AND FREQUENCY OF CONFLICTS IN SCHOOL ENVIRONMENT

Mariany Almeida Montino 1

Resumo: Esse artigo apresenta parte dos resultados de um projeto de pesquisa que teve como intenções principais verificar e comparar a natureza e a frequência dos conflitos que ocorrem nos contextos escolares. Inerente à natureza da diversidade humana, os conflitos podem se tornar excelentes oportunidades de mudança e amadurecimento pessoal e social, por outro lado, podem também desencadear diferentes manifestações de violências. Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com recorte de tempo transversal e perspectiva longitudinal, tendo seus dados extraídos através de análise documental dos registros de ocorrência de conflitos de todas as turmas de uma escola pública de tempo integral, de 1º ao 9º ano, do município de Palmas - TO, no decurso do ano letivo de 2016. Como método de análise de dados, foram utilizadas as contribuições da Análise de Conteúdo. Entre as principais ocorrências estão a agressão física entre os alunos, a não realização de tarefas, excesso de conversa na sala de aula, alunos que não trazem material, brincadeiras de mau gosto e as dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Mediação de Conflitos; Violências na Escola; Indisciplina.

Abstract: This paper presents part of the results of a research project which aims mainly to verify and compare the nature and frequency of conflicts that take place in school environment. Inherent to the diverse human nature, conflicts can become great opportunities to personal and social change and growth, on the other hand, they can also initiate diverse violence occurrences. This is a basic qualitative research, exploratory and descriptive, using a transversal time frame and longitudinal perspective. The data was gathered through document analysis regarding reports about conflicts in all classes of a public Elementary School, de 1st to 9th grades, in the city of Palmas - TO, during the 2016 school year. In order to analyze data, we adopted Content Analysis. Amongst the may occurrences are: physical aggression among students, students do not do their classwork, over occurrence of distraction talks during the lectures, students that do not bring their school material for class, bad jokes and learning difficulties.

Keywords: Conflict Mediation; Violence in Schools; Indiscipline.

Introdução

A vida em sociedade compreende o constante relacionar-se com o outro, com as instituições, com as normas, enfim, com o meio ambiente e conseqüentemente, com todos aqueles que nele estão inseridos. O que demanda do sujeito que se relaciona a percepção do lugar do outro, o respeito às normas de convivência estabelecidas, a compreensão e o respeito à diversidade dos jeitos de ser, agir e pensar. A relação entre os sujeitos é permeada de conflitos que surgem da própria natureza da diversidade e se constituem excelentes oportunidades de mudança e amadurecimento pessoal e social.

Nesse sentido, a escola se apresenta como importante espaço de relações para o sujeito, uma vez que nela ele ingressa ainda bem pequeno e passa boa parte de sua vida imerso nesse ambiente, estando, necessariamente, exposto à incidência de conflitos de toda sorte, seja em nível de pequenos desentendimentos até diferentes manifestações de violências.

Conseqüência de uma série de fatores, as violências nas escolas se apresentam como um dos obstáculos ao projeto educativo desenvolvido nas instituições escolares, tornando-se um dos principais desafios enfrentados pelo Sistema Educacional, atualmente.

O objetivo desse projeto foi, portanto, investigar a natureza e a frequência dos conflitos que ocorrem nas diferentes turmas do ensino fundamental, as características dos envolvidos, as situações que motivam a ocorrência de conflitos, e as formas de mediação e intervenção adotadas pela escola. Neste artigo, trazemos os resultados obtidos sobre a natureza e a frequência dos conflitos que ocorrem no ambiente escolar.

Trata-se de uma pesquisa básica qualitativa, que apresenta também dados quantificáveis, no que se refere à maior ou menor incidência de conflitos. Em relação aos objetivos compreende caráter exploratório e descritivo, no sentido de reconhecer elementos de análise nos documentos e descrever criteriosamente os fatos e fenômenos que envolvem a incidência de conflitos na escola, de forma a obter as informações que puderam contribuir para ampliar a visão acerca dessa incidência.

Em relação ao recorte temporal optou-se pelo de caráter transversal, e no que se refere aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa documental, fundamentada em dados primários coletados nos prontuários de registros do SOE (Serviço de Orientação Educacional), de uma escola de ensino fundamental em regime de tempo integral (ETI) do município de Palmas, Tocantins, referente às ocorrências de conflitos nos meses de fevereiro a novembro, do ano letivo de 2016, entre alunos de 1º ao 8º ano. Como método de análise de dados optou-se pela análise de conteúdo, pela proximidade com a pesquisa de natureza qualitativa, que consiste num conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo desses registros, obter indicadores qualitativos e quantitativos, que permitam a inferência de conhecimentos relativos aos registros dessas ocorrências.

A escola e as novas demandas

A instituição escolar enquanto espaço de relações humanas envolvidas num universo crescentemente marcado pela diversidade, consubstanciado numa sociedade consumista e capitalista, torna-se, inevitavelmente, um espaço propício à germinação de conflitos, que vão desde pequenos desentendimentos chegando a grandes manifestações de violência. A reestruturação do atendimento da escola, no que se refere à ampliação da oferta de vagas trouxe para o seu interior novas demandas de conflitos interpessoais para as quais ela não estava preparada e que vêm criando no seu interior um clima desfavorável para a aprendizagem.

Para Candau (1999, pg.14), o caráter oculto da lógica neoliberal contribui, em muito para reforçar o processo de desintegração social, transformando as relações sociais, além dos produtos, também em mercadorias, numa lógica própria com caráter excludente e seletivo.

Pesquisas norte-americanas demonstram que o vandalismo tem sido associado, entre outros, a administrações escolares autoritárias, indiferentes e omissas, o que nos permite pensar que o conflito negligenciado pela comunidade escolar tem grandes chances de se transformar em focos de violência que aos poucos vão tornando a escola um espaço desagradável e insalubre para todos os que nela estão inseridos. Charlot (2002) afirma que, do ponto de vista histórico, o problema

da violência escolar não é recente, mas traz elementos novos relacionados às formas pelas quais essa violência se manifesta, o surgimento crescente de formas de violência mais graves, a idade cada vez menor dos alunos envolvidos nos casos de violência, a repetição e o acúmulo de pequenos casos que não se configuram como violentos, mas que criam a sensação de ameaça permanente.

Diversos autores das diferentes áreas do conhecimento trazem suas contribuições para definir a violência, tratando-a no plural “violências”, por se tratar de um fenômeno complexo e multifacetado que ocorre em lugares específicos, caracterizados pela diversidade (EYNG, 2007). Na definição de Marilena Chauí (2004), o conceito aparece imbricado em questões políticas e sociais advindas da concepção neoliberal, da “coisificação” humana e da violação dos direitos humanos. A autora o relaciona ao conceito de ética onde a violência, caracterizada como abuso físico ou psíquico, se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, irracionais, insensíveis, mudos e inertes ou passivos. Fernández (2005, p.24) descreve que “o fenômeno da violência transcende a mera conduta individual e se converte em um processo interpessoal, por afetar pelo menos dois protagonistas: aquele que a exerce e aquele que a sofre”.

O conflito e o conflito na escola

Chispino (2002) compreende o conflito como toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. Sendo assim, configura-se como algo inevitável e ao contrário do que comumente se estabelece, seus motivos não devem ser suprimidos ou sufocados, ao contrário, necessitam ser olhados, analisados dos diversos pontos de vista, o que colabora para a construção de práticas de tolerância, proporcionando a definição de identidades, o reconhecimento do outro e o reconhecimento das diferenças, construções fundamentais para a regulação das relações e o amadurecimento social.

Ainda segundo o autor, outra importante desconstrução em torno do conflito diz respeito à ideia de atentado à ordem, pois sendo o conflito um elemento que sustenta a ordem democrática, “ordem e conflito são resultado da interação entre os seres humanos, e a ordem, em toda sociedade humana, não é outra coisa senão uma normatização do conflito” (2002, p.47). Em pesquisas realizadas no interior da escola, o autor aponta vários fatores como causas dos conflitos que surgem entre alunos e docentes e entre os próprios alunos, entre eles estão o fato de não serem ouvidos, a discriminação e os mal entendidos.

Anteriormente centralizada no diretor como detentor de autoridade máxima para administrar os conflitos, o conceito de gestão escolar democrática traz para a comunidade escolar a responsabilidade compartilhada de decisões, que perpassam pelo estabelecimento de normas para uma convivência saudável, que já não se sustentam em relações de poder, mas que se apoiam em práticas de tolerância e no reconhecimento do direito aos diferentes jeitos de ser, estar e pensar, presentes no ambiente coletivo.

A natureza e a frequência dos conflitos no ambiente escolar

A coleta de dados para a realização desta pesquisa foi feita com base nos registros do SOE (Serviço de Orientação Educacional) de uma escola em regime de tempo integral do município de Palmas, Tocantins, que descreviam todos os conflitos ocorridos na escola e que eram encaminhados ao setor para devidas intervenções e soluções. Nesses registros foram encontrados um total de 1.053 conflitos, correspondentes aos 8 anos do ensino fundamental (a escola não ofereceu o 9º ano em 2016), num total de 15 turmas, distribuídos entre os meses de fevereiro a novembro do ano de 2016. Cabe ressaltar que o número de conflitos registrados não corresponde a toda sorte de conflitos ocorridos na escola durante esse período, mas sim ao total de conflitos que foram encaminhados ao SOE, uma vez que há conflitos que são solucionados pelos próprios alunos, por professoras e funcionárias. Outra consideração necessária é que o que se registrou foi a incidência de conflitos e não o número de alunos que se envolveram em conflitos. Sendo assim, em grande parte dos casos há registros de conflitos envolvendo o mesmo aluno mais de uma vez.

Para organizar os dados, foram realizadas inúmeras visitas à escola, uma vez que os registros não poderiam ser retirados da mesma, necessitando que a coleta fosse realizada no local. Os

conflitos foram organizados em uma tabela, onde a natureza e incidência dos conflitos foram elencadas por turma e ano escolar, sendo detalhado da seguinte forma, no exemplo que segue:

No. do conflito	Ano	Nome do aluno/a	Data	Natureza	Como ocorreu	Onde ocorreu	Encaminhamentos
0001	1º	Antonio C. S.	04/03/16	Agressão física	Deu um murro no João porque ele o xingou	Sala de aula	Conversa e aconselhamento no SOE

Assim, os conflitos foram catalogados de 0001 a 1053, totalizando 74 páginas de anotações, distribuídas nas seguintes turmas:

Ano/turma	No. de alunos/as	No. de alunos/as por ano
1º.1	24	48
1º.2	24	
2º.1	28	59
2º.2	31	
3º.1	35	104
3º.2	36	
3º.3	33	
4º.1	32	64
4º.2	32	
5º.1	32	63
5º.2	31	
6º.1	33	59
6º.2	26	
7º.1	24	24
8º.1	27	27
Total de turmas: 15	Total de alunos/as: 448	Total de alunos/as: 448

Para a análise dos dados utilizou-se as contribuições da Análise de Conteúdo, sendo os dados organizados em 40 indicadores e 6 categorias. Os indicadores se referem à natureza do conflito, entendendo aqui por “natureza” o tipo de conflito, como se quiséssemos organizar um catálogo, na tentativa de esmiuçar ou detalhar esses incidentes para melhor compreender quais são os elementos dentro da escola e da sala de aula que preocupam e incomodam professoras e alunos¹ e tornam o ambiente escolar tumultuado e/ou desagradável. Após elencados esses indicadores, optou-se por dividi-los e organizá-los em 6 categorias, a critério da pesquisadora, a saber:

- Categoria 1 – Desrespeito aos/às colegas
- Categoria 2 – Desrespeito aos/às professoras e funcionárias
- Categoria 3 – Desrespeito ao ambiente da sala de aula
- Categoria 4 – Posturas inadequadas
- Categoria 5 – Questões pessoais do/a aluno/a
- Categoria 6 – Desrespeito às regras da escola

A palavra Respeito é um substantivo masculino oriundo do latim *respectus* que é um

¹ Apesar de o ensino fundamental conter boa parte de professores do sexo masculino, a maioria absoluta é de mulheres e por esse motivo farei referência à categoria como “professoras”. Entre alunos e alunas há um equilíbrio na proporção, e então para o equilíbrio na produção do texto, diante das questões de gênero, irei trata-los como “alunos”, fazendo referência a “alunas” quando considerar necessário.

sentimento positivo e significa ação ou efeito de **respeitar, apreço, consideração, deferência**. Na sua origem em latim, a palavra respeito significava “olhar outra vez”. Assim, algo que merece um segundo olhar é algo digno de respeito. Aqui, portanto, trabalhamos com o antônimo da palavra respeito, o **Desrespeito**, para nos referirmos ao comportamento que desconsidera e deprecia o outro, no sentido de “não olhar outra vez” e não reconhecer o seu valor. A seguir apresentamos em tabelas para melhor visualização, os indicadores da natureza dos conflitos, distribuídos nas referidas categorias, bem como a descrição da natureza de cada um dos indicadores.

Categoria 1 – Desrespeito aos/às colegas

Nesta categoria estão agrupados os episódios ocorridos entre pares, aluno-aluno, aluna-aluna, aluno-aluna. Tratamos aqui de conflitos entre pares, todos os eventos que de uma maneira ou de outra, agridem os colegas, física ou verbalmente, por meio de agressões realizadas contra ele ou ela ou a seus pertences.

Tabela 1 - frequência de incidência de conflitos por indicadores

NATUREZA DO CONFLITO	FREQUÊNCIA (No. de vezes)
Provocar os colegas	51
Pegar ou estragar coisas dos colegas	47
Agressão física - colegas	174
Agressão verbal - colegas	54
“Passar a mão” nos colegas	8
Faz bullying	28

- **Provocar os colegas** – neste indicador nos referimos às provocações de toda sorte, que envolvem “zoação”, gracejos e gozações, que não chegam a agredir a imagem do outro, como o bullying, mas que o irritam e podem chegar ao constrangimento. Encaixam-se também nesse indicador, brincadeiras do tipo dar tapinhas, cutucões ou beliscos, esconder objetos e materiais, jogar bola de papel nos colegas, puxar o cabelo das meninas, colocar objetos na mochila dos colegas, entre outros.
- **Pegar ou estragar coisas dos colegas** – aqui foram agrupados todos os incidentes que se referem a subtrair objetos dos/as colegas, não mais com a intenção de brincadeira e provocação, mas no sentido de apropriar-se de tal, como materiais escolares, dinheiro e demais objetos ou ainda o ato de estragar os pertences dos/as colegas propositadamente, como rabiscar ou rasgar livros e cadernos, quebrar objetos, etc.
- **Agressão física aos/às colegas** – As agressões físicas entre colegas é um dos indicadores de conflitos com a maior incidência na escola e parece ser a forma habitual que os alunos, na grande maioria meninos, conhecem para resolver seus problemas com o outro. Aqui não foram considerados os acidentes que eventualmente ocorrem, como “atropelar” um colega por estar correndo no pátio, brincadeiras que acabam machucando ou objetos acertados sem intenção, sendo considerados, portanto, ações de imprimir dor ao outro, seja por culpabilizá-lo por algum sofrimento próprio, por vezes emocional, seja por revidar alguma provocação.
- **Agressão verbal aos/às colegas** – Aqui foram considerados os apelidos maldosos que depreciam o outro, mas que são eventuais e que não se repetem insistentemente como nos casos de bullying, apesar de causar desconforto, irritação e constrangimento. Também estão inseridos neste indicador os xingamentos mais e menos graves, de zombarias a palavrões.
- **“Passar a mão” nos colegas** – Aqui o termo se refere ao ato de apalpar a região dos glúteos de meninas e meninos, sem o seu consentimento. Também podendo ser considerada uma agressão física, optou-se por destacar esse indicador, por ser considerado mais assédio e malícia, ligado às questões de sexualidade do que propriamente violência física. No entanto, também não foi relacionado na categoria de comportamentos

inadequados, uma vez que não se trata apenas de um comportamento pessoal indesejado, mas uma ação que envolve a presença do outro e o agride.

- **Faz bullying** - o Bullying é um termo da língua inglesa “bully”, que traduzido para o português pode significar algo como “valentão”. Trata-se de todas as atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa que não dispõe da possibilidade ou capacidade de se defender sendo, portanto, realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder.

Categoria 2 – Desrespeito aos/às professores/as e funcionários/as

Nesta categoria estão agrupados os eventos relacionados ao não reconhecimento da autoridade de professoras e funcionárias, enquanto responsáveis pela manutenção do equilíbrio e da ordem no ambiente escolar, e que foram registrados tanto nos casos de alunos que tentam “driblar” a autoridade, quanto aqueles que agridem e provocam enfrentamentos.

Tabela 2 - frequência de incidência de conflitos por indicadores

NATUREZA DO CONFLITO	FREQUÊNCIA (No. de vezes)
2.1. Saiu da sala sem permissão	24
2.2. Demorou a voltar do intervalo	36
2.3. Não faz atividades	197
2.4. Não participa da aula	18
2.5. Não obedece	129
2.6. Agressão verbal professor/a	71
2.7. Agressão verbal funcionário/a	11

- **2.1 Saiu da sala sem permissão** – Aqui consideramos tanto o sair da sala “escondido”, disfarçando para não ser notado aproveitando, por exemplo, as trocas de professoras das disciplinas, quanto o ato de sair na presença do/a professor/a, fazendo questão de afrontar sua autoridade.
- **2.2 Demorou a voltar do intervalo** – O intervalo ou “hora do recreio” é o momento em que os alunos saem da sala de aula para almoçar, lanche, descontração, brincar e descansar. Não posso precisar qual o tempo destinado para os intervalos, mas acredito que seja algo em torno de 20 a 25 minutos. Há aqueles que acabam esticando esse horário por conta própria e não retornam à sala de aula com a turma. Ficam passeando pelos corredores, pátio e quadra, e entrando em outras salas de aula ou em outros espaços como banheiro, biblioteca, enfim.
- **2.3 Não faz atividades** – Aqui não estão consideradas as tarefas de casa, apenas as atividades propostas pelas professoras, geralmente na sala de aula, mas também nos demais espaços pedagógicos. São episódios em que os alunos tanto “enrolam”, brincam, disfarçam e acabam por não fazer as atividades, quanto os que têm dificuldades de aprendizagem e não conseguem fazer as tarefas, porque não as compreendem, e também os que se recusam afrontando as professoras, o que aparenta acontecer com menor frequência. Dentre esses registros, um dado chama a atenção. Se somarmos os registros da categoria 5 de 31 desinteressados e os 51 com dificuldades de aprendizagem, teremos um total de 82 registros para 197 registros de alunos que não fazem atividades, numa diferença de 115 episódios. Essa constatação nos mostra que não são apenas os desinteressados e os com dificuldade que não realizam as tarefas propostas. Há outros 115 que não as realizam, sem motivo aparente, o que caberia ser melhor investigado. O que se pode visualizar, no entanto, nos gráficos expostos mais adiante

que apresentam a frequência de conflitos por turma é que no 3º ano, por exemplo, há um índice alto de alunos com “dificuldade de aprendizagem” e “sem material”, o que também pode mostrar desinteresse na aula, e esses registros são compatíveis com os de “não faz atividades”. Entretanto, se observamos os gráficos do 6º ano, onde o índice de “dificuldade de aprendizagem” é muito baixo (em relação ao 3º.), a frequência dos registros de “não faz atividades” é muito alto, em relação às demais turmas.

- **2.4 Não participa da aula** – Observando a tabela, percebemos que o indicador “não participa da aula” é bastante baixo em relação a “não faz atividades”, o que equivale dizer que não necessariamente o aluno que não faz atividades, seja um aluno não participativo. Ao analisar a qualidade dos registros observa-se que nesse indicador não estão incluídos os tímidos e introvertidos que têm bom aproveitamento, mas que não costumam se manifestar durante as aulas. Esse indicador trata, portanto, provavelmente, daqueles que não são afetados (no sentido de afetividade) pelas aulas e pelos conhecimentos que as professoras trazem, por não alcançar tais conhecimentos, devido às dificuldades de aprendizagem e organização de suas estruturas cognitivas. E/ou ainda por aqueles que não são afetados devido às suas estruturas emocionais, que envolvem questões relacionadas à família, ao seu entorno social, e/ou até pelo tipo de relação que mantém com a escola e que pode caracterizar um sentimento de não pertencimento.
- **2.5 Não obedece** – Os maiores índices de registro de “não obedece” a professora se verificam nos 1ºs, 5ºs e 6ºs anos, o que pode ser explicado talvez pelo fato de alunos dos 1ºs anos estarem ainda se adaptando ao ambiente escolar. Considerando que em sua maioria, frequentaram as escolas de Educação Infantil e estavam, provavelmente, submetidos a outras regras de convivência e outros formatos de organização escolar, não acostumados a ficar, por exemplo, sentados na maior parte do tempo de aula. Quanto aos alunos de 5ºs e 6ºs anos pode-se pensar que as causas da desobediência estejam relacionadas às características da pré-adolescência e à necessidade de contestar e transgredir a ordem estabelecida. No entanto, não se verifica que essa desobediência seja acompanhada de agressão verbal à professora, como podemos constatar observando a tabela.
- **2.6 Agressão verbal professora** – Os casos registrados de agressão verbal à professora, elencados nesse indicador, vão desde resmungos de enfrentamento, palavras e gestos desagradáveis, o que parece ser a maior frequência de casos, até gritos e palavrões, o que parece ocorrer eventualmente. No geral, esses episódios foram registrados com maior frequência entre os alunos dos 5ºs, 6ºs e 7ºs anos, na sua esmagadora maioria, envolvendo os meninos, no entanto, o índice nos 3ºs anos também pode ser considerado alto em relação às demais turmas. Se os hormônios da pré-adolescência podem explicar o descontrole emocional e a agressividade no caso dos alunos maiores, o mesmo não se justifica para os dos 3ºs anos, com idade entre 8 e 9 anos, e talvez possa estar mais relacionado às dificuldades de aprendizagem desses alunos, item que será analisado mais adiante.
- **2.7 Agressão verbal funcionária** – tratamos aqui como funcionárias, todas as trabalhadoras da escola, com exceção das professoras, portanto, merendeiras, serventes, inspetoras de alunos, coordenadora pedagógica, auxiliares, bibliotecárias, enfim. Observa-se que em relação às professoras, o índice de agressão verbal que sofrem as funcionárias é bem menor, provavelmente pelo fato de os alunos passarem a maior parte do tempo, na escola, com as professoras.

Categoria 3 - Desrespeito ao ambiente da sala de aula

Nesta categoria, agrupamos todos os conflitos relacionados a formas de desrespeito com o ambiente de sala de aula, que se diferenciam das categorias anteriores porque não ocorre entre pessoas, não as agride direta, mas indiretamente, quando perturbam o ambiente no qual essas pessoas estão. No modelo tradicional de ensino, os alunos devem permanecer sentados e quietos durante o tempo de aula, numa tentativa de manter o silêncio e a concentração de todos, conter os movimentos e disciplinar os corpos, como diria Foucault (1997). E apesar de não ser mais um modelo de escola que se adapta ao século XXI, ainda é o que permanece vigente na maioria das escolas. Portanto, tratamos aqui como desrespeito o que afronta a ordem instituída dentro desse modelo e que perturba a aula de alunos e professoras.

Tabela 3 - frequência de incidência de conflitos por indicadores

NATUREZA DO CONFLITO	FREQUÊNCIA (No. de vezes)
3.1. Conversa muito	157
3.2. Zanza pela sala	43
3.3. Manda bilhete durante a aula	10
3.4. Atrapalha a aula/Causa tumulto	172
3.5. Grita incomodando os demais	13
3.6. Brinca muito durante a aula	37

- 3.1 Conversa muito** – Esse indicador se refere às chamadas conversas paralelas, que ocorrem ao mesmo tempo em que as professoras estão explicando determinado conteúdo ou atividade, e também àquelas conversas que acontecem durante a aula e ocupam a atenção que o aluno deveria dar, nesse momento, aos estudos dos conteúdos e à realização das atividades propostas pelas professoras. “Conversar muito”, portanto, aqui não faz referência aos momentos de descontração da sala de aula ou aos momentos em que os alunos estão compartilhando ideias durante propostas de trabalho em grupo. Entre os 40 indicadores de conflitos, fizemos uma seleção de 13 indicadores com maior incidência, tendo ficado o índice “conversa muito” em 4º lugar, ou seja, está entre os quatro tipos de conflitos que mais incomodam o trabalho de sala de aula. A seguir observa-se o destaque de uma das tabelas que apresentamos mais adiante, que mostra os índices divididos por ano escolar, onde podemos verificar que os 5ºs, 6ºs e 8ºs anos são os que apresentam maior frequência nesse indicador.

Maior Incidência	Natureza	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano
4º	Conversa muito	4	12	12	11	24	62	13	19

- 3.2 Zanza pela sala** – Esse indicador faz referência à prática dos alunos de se levantarem para dar uma voltinha pela sala. Os motivos são diversos: pegar um apontador emprestado, falar alguma coisa para um colega que senta longe, enfim. Não sabemos quais são as normas de convivência da turma, sabemos, no entanto, que os alunos são sempre orientados a permanecerem nos seus lugares. E o fato de transgredirem essas orientações não os coloca necessariamente numa posição de enfrentamento em relação às professoras. Tal comportamento pode apenas sugerir o que já se sabe em relação à falência do modelo tradicional de disciplinamento dos corpos e apontar para a real necessidade que os alunos têm de se movimentarem, relaxarem o pensamento e o corpo entre uma atividade e outra.
- 3.3 Manda bilhete durante a aula** – Apesar de ser um indicador de menor impacto, a prática de alguns alunos de mandarem bilhetes durante a aula é algo que perturba

o ambiente, pois muitas vezes provoca risos e comentários e acaba despertando a curiosidade mesmo daqueles que não estão envolvidos, tirando sua concentração. Às vezes esses bilhetes são pegos pela professora ou entregues a ela por outros alunos chamados “dedo-duro”. Certamente a maioria deles traz mensagens cotidianas, sem nenhum conteúdo amoral, uma vez que dentre os que se referem a tais conteúdos, alguns foram apreendidos e registrados pelo SOE, pois traziam mensagens sobre namoro, desenhos referentes a sexo e xingamentos à professora.

- **3.4 Atrapalha a aula/Causa tumulto** – Os indicadores anteriores se referem a práticas que perturbam a aula, mas que são, de certa forma, contidas, ou seja, o aluno quer falar e passear mas procura disfarçar de forma a aparecer o mínimo possível, até para não ser chamado à atenção pela professora. Nesse caso, no entanto, nos referimos a um tipo de comportamento de alunos que não estão preocupados em passar despercebidos, pelo contrário, querem mesmo chamar a atenção e praticam ações do tipo chutar carteiras, falar alto, cantar em voz alta durante a aula, jogar papel nos colegas, sair batendo portas, enfim, provocando situações das mais diversas que tornam desagradável o ambiente da sala de aula. Analisando os gráficos que comparam as turmas, observa-se também maior incidência deste comportamento entre alunos dos 5^{os} e 6^{os} anos.
- **3.5 Grita incomodando os demais** – Gritar parece ser uma característica comum entre os alunos durante o intervalo ou recreio, onde eles são liberados das salas de aula para um tempo em que possam comer e brincar e, portanto, durante as correrias e as brincadeiras ao ar livre esses gritos são tolerados e parecem não perturbar o ambiente da escola. Esse indicador, entretanto, se refere a gritos que são dados dentro da sala de aula em momentos que não são para brincadeiras e foram registrados no SOE porque chamaram muito a atenção e perturbaram o ambiente e, aparentemente, ocorrem em situações de stress emocional dos alunos.
- **3.6 Brinca muito durante a aula** – Brincar é um ato comum entre crianças e adolescentes, principalmente quando estão entre pares cronológicos, segundo COLL (2004). Há professoras que, reconhecendo essa necessidade da turma, reservam um espaço da aula onde os alunos podem brincar livremente ou com jogos e brinquedos da sala ou trazidos por eles, de casa. Seria interessante uma pesquisa que mostrasse se o efeito dessa prática consegue diminuir a brincadeira dos alunos durante as atividades de estudo da sala de aula. Foi também entre alunos dos 6^{os} anos que verificou-se a maior incidência desse indicador.

Categoria 4 - Posturas inadequadas

Chamo aqui de “posturas inadequadas” aquelas que não são apropriadas ao ambiente escolar, que requer um comportamento suficientemente equilibrado para promover o seu trabalho. O que não significa dizer, portanto, que há algo de excepcionalmente errado nesses comportamentos, que seriam menos invasivos se ocorressem em outros ambientes e ocasiões.

Tabela 4 - Frequência De Incidência De Conflitos Por Indicadores

NATUREZA DO CONFLITO	FREQUÊNCIA (No. de vezes)
4.1. Brincadeira de mau gosto	93
4.2. Falar Palavrão	19
4.3. Questões de Sexualidade	48

- **4.1. Brincadeira de mau gosto** – Observa-se que neste item os alunos dos 6^{os} anos também são campeões. O que eu chamo aqui de “brincadeira de mau gosto” está relacionado a atitudes de alunos ou de pequenos grupos de alunos que criam determinadas brincadeiras que acabam sempre por expor algum outro aluno ou aluna. Uma prática que não se equipara ao bullying, por ser infrequente, mas que, geralmente, acaba escolhendo aquele aluno ou aluna que é, digamos “menos popular”. Um aluno ou aluna “menos popular” é aquele que não se destaca por nenhum comportamento

que é apreciado pelos demais: que não tem o tipo físico mais apreciado, as roupas mais cobijadas, os materiais mais interessantes, as relações de amizade mais admiradas, uma inteligência que se destaca, as melhores notas, enfim. Não sempre, mas muitas vezes, são esses os alunos suscetíveis a brincadeiras que os expõe de forma vexatória. Geralmente há resistência por parte desses alunos a essas situações, entretanto, há casos em que eles se submetem a essa exposição, porque ela acaba garantindo a sua aceitação pelo grupo, que o mantém justamente para esta finalidade: ser o alvo da “zoação”. Em outros casos, observa-se que os alunos que praticam as brincadeiras de mau gosto, não a consideram perniciosa e se justificam dizendo “era só uma brincadeira”. Entre os casos registrados pelo SOE, duas ocorrências me chamaram a atenção. O caso de três alunos que carregaram um quarto aluno e o colocaram dentro de uma lata de lixo, e o caso de dois alunos que seguraram um terceiro e pintaram seu rosto com batom vermelho.

- 4.2. **Fala Palavrão** – Dentre os indicadores desta categoria, é o menos frequente, e pelo que se observa nos registros, não se refere àqueles palavrões corriqueiros, proferidos em situações de descontração ou de alívio de um stress. Os palavrões registrados pelo SOE são aqueles gritados em alto e bom tom para serem ouvidos e agredirem aqueles que estão à volta, incluindo a professora.
- 4.3. **Questões de Sexualidade** – Observa-se nas tabelas que os conflitos referentes às questões que envolvem a sexualidade estão presentes em todas as turmas de todos os anos, com exceção do 8º ano, onde se registra apenas um caso. Estando entre os 13 tipos de conflitos mais registrados no SOE, as questões de sexualidade ocupam o 11º, conforme se pode verificar no destaque da tabela abaixo, que traz também a frequência de registros por ano escolar. Entre os comportamentos registrados nesse indicador estão: mostrar as partes íntimas, beijar na boca, abraços maliciosos, gestos, desenhos, piadas, palavras e atos obscenos, cartinhas de namoro, bilhetes marcando encontros e conversas “avançadas”. Entre os alunos maiores, registraram-se dois casos isolados considerados “mais graves”, um envolvendo masturbação durante a aula e outro relacionado a um grupo de meninos que assistia filme pornográfico no celular.

Maior Incidência	Natureza	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano
11º	Questões de Sexualidade	11	5	4	7	6	7	4	1

Categoria 5 - Questões pessoais do/a aluno/a

Tratarei aqui como questões pessoais dos alunos e alunas aquelas questões que se referem às individualidades, que são características pessoais, decorrentes de causas diversas e que podem sinalizar comportamentos eventuais ou recorrentes por períodos curtos ou longos, questões que fazem a individualidade destoar do grupo e causa sofrimento ou incômodo aos próprios alunos e colegas e a preocupação de professoras, pais e responsáveis.

Tabela 5 - frequência de incidência de conflitos por indicadores

INDICADORES (NATUREZA)	FREQUÊNCIA
5.1. Desatento/a	41
5.2. Desinteressado/a	31
5.3. Desorganizado/a	14
5.4. Agressivo/a fisicamente	9
5.5. Agressivo/a verbalmente	3
5.6. Sofre bullying/assédio/agressão	24
5.7. Dificuldade de aprendizagem	51

É importante lembrar que os números das tabelas se referem à quantidade de vezes que o conflito foi registrado e não à quantidade de alunos, o que equivale a dizer que a frequência de registro pode conter casos que envolvem o mesmo aluno mais de uma vez.

- **5.1. Desatento/a** – Esse item se refere a alunos e alunas que, de alguma forma, preocupam as professoras pelo fato de apresentarem certa incapacidade de se manterem concentrados na aula e nas tarefas. O número de registros é considerável, como se pode verificar na tabela acima, e pode-se observar que envolve com mais frequência os alunos dos anos iniciais, mas que também ocorre entre os alunos maiores. Em boa parte dos casos, estão relacionados a alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e a pergunta que fazemos é: eles têm dificuldade de aprendizagem porque são desatentos ou são desatentos porque têm dificuldades de aprendizagem? Eu, particularmente, fico com a segunda hipótese. E penso ser muito difícil para uma criança se manter concentrada em algo que ela não compreende. Há casos em que as próprias professoras relatam que “aluno é disperso, mas não tem problema de aprendizagem”, e esses casos se mostram relacionados a questões de saúde ou familiares, que identificam alunos em tratamento com psicólogos e fonoaudiólogos, inclusive fazendo uso de medicamentos de uso controlado, além de casos de separação dos pais, falta de adaptação ao clima quente da cidade, no caso de famílias que se mudaram recentemente, falta de adaptação à escola de tempo integral, relatos de bullying, assédio e abuso, entre outros.
- **5.2. Desinteressado/a** – As causas identificadas no desinteresse dos alunos são praticamente as mesmas identificadas nos casos de alunos desatentos, entretanto, estão aqui separados por se tratarem de reações diferentes. Muitas vezes o aluno tem interesse na aula e nas tarefas, mas não consegue se manter concentrado. Outras vezes, como é o caso do que aqui se registra, o aluno não demonstra nenhum interesse pelas aulas, pelos conteúdos, pelas atividades propostas. Quando isso acontece há dois tipos de reação registrados: o aluno se mostra apático e se isola na classe, ocupando o tempo de outra forma, ou fica provocando conversas com os colegas, causando dispersão e atrapalhando a aula. Em todos os casos, os pais ou responsáveis foram chamados e comunicados.
- **5.3. Desorganizado/a** – Os registros de casos de alunos desorganizados estão relacionados, em algumas vezes, ao desinteresse pela aula. Trata-se do uso e da apresentação negligenciada do material escolar, a falta de materiais essenciais como lápis, borracha, livros, e do desleixo ou falta de capricho com o caderno, escritas em folhas aleatórias, sem sequência, rabiscos, borrões, folhas arrancadas, enfim. São mais frequentes entre alunos dos anos iniciais, entre os alunos maiores quase não há registros dessa natureza.
- **5.4. Agressivo/a fisicamente** – Na categoria 1 elencamos itens relacionados ao desrespeito com os colegas, envolvendo agressões físicas e verbais. Entre os casos relacionados na categoria 5, entretanto, estão casos de alunos que apresentam uma personalidade agressiva, ou seja, que não dizem respeito a conflitos causados por determinados motivos entre alunos, mas que mostram um comportamento agressivo de determinado aluno diante de diferentes situações, inclusive aquelas que normalmente poderiam ser tratadas de outra forma, sem agressividade. Entretanto, há entre esses registros, um caso em que o aluno relatou aos pais estar sofrendo bullying na escola. Os casos de alunos agressivos fisicamente estão registrados entre os alunos do 1º ao 3º ano, não se verificando esses casos entre os alunos maiores. São alunos que não se controlam emocionalmente e ameaçam e agredem os colegas causando, às vezes, ferimentos muito graves. Aparentemente são os casos mais preocupantes entre os conflitos registrados, que causam medo entre os alunos e a apreensão entre pais e professores. Em boa parte dos casos, há relatos dos pais sobre esse comportamento agressivo se repetir também em casa e estarem sendo encaminhados para o tratamento com profissionais como psicólogos, psiquiatras e neurologistas.

- **5.5. Agressivo/a verbalmente** – Como no item anterior, esclarecemos que na categoria 1 elencamos itens relacionados ao desrespeito com os colegas, envolvendo agressões físicas e verbais. Entre os casos relacionados nesta categoria 5, entretanto, estão alunos que agredem verbalmente, colegas e professoras em situações desde pequenos desentendimentos a ataques explosivos de fúria, que não necessariamente apresentam um motivo, uma razão que justifique o desequilíbrio. São bem poucos os registros de alunos agressivos verbalmente, e são casos que envolvem também os alunos do 1º ao 3º ano, não se verificando casos entre os alunos maiores. São registros relacionados a casos de ameaças a colegas, enfrentamento aos adultos quando chamado á atenção, uso de palavrões, enfim, e também é citado pelos pais a procura de ajuda de profissionais da saúde.
- **5.6. Sofre bullying/assédio/agressão** – Nesse item foram agrupados elementos diferentes que têm em comum a intenção de ferir moral ou fisicamente determinados alunos ou alunas. São queixas, geralmente, trazidas pelos pais ao SOE, que fazem, muitas vezes, os alunos se recusarem a ir à escola, ou desenvolverem sentimentos de tristeza ou raiva. São expostos pelos colegas que fazem piadinhas e os agredem física ou verbalmente, com expressões relacionadas a preconceitos de cor, pobreza, obesidade ou magreza. Há casos de meninas que são assediadas por meninos num comportamento desrespeitoso e naturalizado pela sociedade no qual “meninos precisam dar em cima de meninas”. Geralmente esses casos ocorrem repetidas vezes envolvendo os mesmos alunos e alunas, tanto como agressores, quanto como vítimas. Em vários casos os agressores entendem seus atos como simples brincadeiras, que deveriam ser toleradas sem problemas. Portanto, vale sempre ressaltar que professoras, funcionárias e gestoras precisam estar muito atentas a esses casos, entendendo e explicando que há grande diferença entre o que é brincadeira e o que é ofensivo; ajudando os alunos a se colocarem no lugar do outro a fim de compreenderem a gravidade de seus atos; trazendo essas questões para serem discutidas de forma séria e permanente, até que se possa extinguir de vez esse tumor social do preconceito e da resistência à diversidade.
- **5.7. Dificuldade de aprendizagem** - O 3º ano registra o maior índice de dificuldade de aprendizagem entre todas as demais turmas da escola, ficando o 2º ano em segundo lugar. Nos 1ºs anos não há registro dessas dificuldades, talvez pelo fato de serem considerados/as iniciantes no processo escolar tenham maior tolerância por parte da escola para suas dificuldades. Na grande maioria das vezes as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a problemas no processo de alfabetização dos alunos, que a meu ver, dizem mais respeito às práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras, que não se adequam ao nível de compreensão dos alunos sobre a linguagem escrita, conforme nos alerta Emília Ferreiro a respeito da Psicogênese da Língua Escrita.

Categoria 6 - Desrespeito às regras da escola

Nesta categoria estão, especialmente, elencadas as incidências de conflitos que ferem as normas de convivência estabelecidas pela escola, ou seja, regras estabelecidas para manter o ambiente pedagógico de forma organizada e equilibrada.

Tabela 6 - frequência de incidência de conflitos por indicadores

INDICADORES (NATUREZA)	FREQUÊNCIA
6.1. Sem material	48
6.2. Sem uniforme	11
6.3. Uso de celular	16
6.4. Comendo na sala	6
6.5. Chega atrasado	11
6.6. Não entrega bilhete para os pais ou não traz assinado	5

6.7. Trouxe objeto sem permissão	21
6.8. Pulou o muro	4
6.9. Matando aula	42
6.10. Vandalismo	21
6.11. Outros	23

- **6.1. Sem material** – este indicador se refere à ausência de materiais escolares básicos, que os alunos não trazem, ou não têm, ou perdem, enfim, materiais que não estão de posse dos alunos no momento em que precisam realizar as tarefas escolares. O maior registro dentre os materiais ausentes se refere aos livros didáticos, o que aparentemente, em muito, incomoda as professoras, uma vez que sem o livro, o aluno não tem condições de acompanhar a aula e realizar as tarefas. Certamente, quanto mais dependente a aula for da presença do livro didático, mais prejuízos essa ausência de material trará ao trabalho da professora. Os livros didáticos são comprados pelo governo federal por meio do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), após serem escolhidos pelas professoras e são enviados para as escolas no começo do ano letivo, teoricamente, em número suficiente para serem distribuídos para todos os alunos. Sendo assim, dificilmente um aluno não traz o livro porque não o tem. Talvez não traga por desleixo, por desinteresse, ou porque não consegue acompanhar a proposta e as atividades do livro.
- **6.2. Sem uniforme** – Desde 1996 o uso do uniforme é obrigatório nas escolas públicas. A compra dos uniformes é feita por estados e municípios e também, teoricamente, são distribuídos entre os alunos no início do ano letivo. A lei garante que cada aluno receba 2 conjuntos completos do uniforme e um par de tênis. Não se pode afirmar, no entanto, que todos os alunos de todas as escolas públicas recebem os 2 conjuntos de uniforme todos os anos, e ainda que esses dois jogos de uniforme sejam suficientes para “aguentar” todo o ano letivo. De acordo com as normas internas da escola, a ausência do uniforme deverá ser justificada pelos pais, não podendo haver reincidências e é dever do aluno e da família conservar o uniforme e não alterar o modelo original. Ainda assim há alguns registros de alunos sem uniforme, com algumas justificativas do tipo não deu tempo de a mãe lavar, ficou na casa do pai, ou não conseguiu encontrar na hora de ir pra escola.
- **6.3. Uso de celular** – de acordo com as normas internas da escola, não é permitido o uso de aparelho celular, fone de ouvido, vídeo game, notebook, tablet e outros equipamentos tecnológicos durante as aulas. Observa-se, pelo descrito na norma, que a preocupação da escola é com a possibilidade de ocorrer algum incidente com o equipamento, e que nesses casos, os pais e/ou responsáveis serão notificados e responsabilizados. Sabe-se que as atuais orientações pedagógicas sugerem que escola e professoras acolham essas tecnologias no ambiente escolar, aproveitando para incorporar em práticas como a pedagogia dos projetos, que possibilita tratar os conteúdos escolares partindo da realidade dos alunos. Entretanto, sabemos também da dificuldade que as professoras enfrentam em monitorar o uso desses equipamentos pessoais em sala de aula. Primeiro porque ainda não é a realidade da maioria dos alunos, e quando um deles traz um destes equipamentos, logo todos querem utilizar e incidentes acabam sendo comuns, como derrubar, quebrar, enfim. E a partir do incidente, os conflitos que surgem também são comuns, xingar, bater, ameaçar. Penso que já passou da hora de essas tecnologias serem incorporadas à escola e à sala de aula, mas sem atribuir mais essa responsabilidade pelo uso de equipamentos pessoais caros, que podem criar toda sorte de conflitos inclusive com os pais. Para tanto se faz necessário, além de programas efetivos de formação continuada para professoras se apropriarem do trabalho com as novas tecnologias em sala de aula, que os recursos financeiros empregados pelo governo federal em materiais escolares e livros didáticos possam ser também ampliados para o investimento desses equipamentos como material permanente de uso nas salas de aula. Quanto ao uso pessoal do celular na escola, em casos de necessidade de comunicação com os pais,

de fato, é preciso que escola, alunos e pais façam seus combinados e entrem num consenso, e que os pais e a escola ajudem os alunos a desenvolverem a autonomia responsável no uso do equipamento.

- **6.4. Comendo na sala** – O 11º artigo das normas internas de boa convivência da escola é claro: “Os alunos deverão se alimentar conforme o cardápio estabelecido pela nutricionista, evitando desperdício. Não é permitido trazer condimentos, bebidas ou lances complementares de casa”, a menos que haja restrições alimentares que devem ser informadas à escola. Há poucos registros sobre casos de alunos comendo na sala e os casos registrados estão associados a outros tipos de conflitos, ou seja, envolvem alunos que costumam quebrar outras regras. Os alimentos registrados foram biscoito, bolacha recheada e manga com sal (a preferida). Observa-se que o problema maior não é o fato de comer na sala, mas a possibilidade de esse ato causar tumulto e atrapalhar o andamento da sala. Além disso, alunos que trazer alimentos para a sala costumam dividir apenas com os colegas mais camaradas e os outros acabam ficando na vontade.
- **6.5. Chega atrasado** – O horário de acesso e permanência dos alunos nas escolas em regime de tempo integral no município de Palmas é entre 8h e 17h. Quando a turma entra na sala de aula, estão naturalmente dispersos, entram conversando, contando novidades, brincando, excitados por reverem os colegas, ou ainda, chateados e envolvidos com algum acontecimento pessoal ou familiar. Para conseguir iniciar os trabalhos, as professoras dispendem certo tempo e energia no sentido de criar uma sintonia entre os alunos para que as atenções se voltem para o conteúdo que será trabalhado, o que não quer dizer que se espere ou necessite de um silêncio absoluto, apenas certo nível de sincronismo. Quando um aluno chega atrasado, ele rompe esse equilíbrio em determinado grau, ou seja, se ele entra na sala de forma discreta, chama para si os olhares dos colegas e desperta alguns buchichos, que logo se acomodam; entretanto, muitas vezes o aluno que se atrasa entra na sala se justificando, falando alto, fazendo gracejos, arrastando carteiras ou cadeiras, até se acomodar, o que causa certo tumulto e incomoda a professora. Os casos registrados de atraso, em sua maioria, estão relacionados a alunos que costumam se envolver em outros tipos de conflitos, como não trazer material, não realizar tarefas e criar confusão com os colegas. Entretanto, há casos em que alunos quebram a rotina quando dormem, hora na casa da mãe, hora na casa do pai, e acabam se perdendo no horário. Também há casos de alunos que acompanham os pais em comércios noturnos de alimentação, acabam dormindo tarde e perdem a hora.
- **6.6. Não entrega bilhete para os pais ou não traz assinado** – A escola envia periodicamente bilhetes aos pais e responsáveis, através dos alunos, como principal meio de comunicação oficial, apesar de, atualmente, serem utilizados também o envio de e-mails e mensagens em grupos de pais no whatsapp. Esses avisos levam mensagens diversas do cotidiano da escola, mas em alguns casos, levam também mensagens específicas de mau comportamento dos alunos ou de não realização de tarefas. A grande maioria dos conflitos registrados nesta pesquisa envolvem meninos, entretanto, essa prática de não entregar bilhetes aos pais ou responsáveis envolvem metade meninos, metade meninas. Muitas vezes o que faz alunos e alunas não entregarem bilhetes aos pais ou responsáveis é o medo da repressão ou da simples desaprovação dos pais. No geral, os pais costumam conversar e orientar os filhos sobre as questões que envolvem a escola. Entretanto, há os extremos de casos de famílias que atribuem à escola a total responsabilidade sobre a educação dos alunos e dificilmente comparecem à escola quando são chamados; em outros casos há aquelas que ameaçam e agredem as crianças, verbal ou fisicamente, quando se deparam com reclamações da escola sobre seu desempenho e comportamento. Em ambos os casos é sempre necessário que a escola organize ações que priorizem a proteção e orientação desses alunos, organizando cursos ou encontros de pais e chamando para a responsabilidade social, órgãos de apoio, como o Conselho Tutelar.
- **6.7. Trouxe objeto sem permissão** – A escola não proíbe que os alunos tragam objetos de

casa, mas deixa claro no documento de normas internas que não se responsabiliza por danos ou perdas de objetos de qualquer natureza. Há, entretanto, um item específico que proíbe que os alunos tragam bola ou brinquedos, a menos que sejam solicitados pelos professores. Nos registros do SOE consta a apreensão de dois objetos perigosos, sendo um canivete e uma faca de cozinha. No geral, trata-se de objetos comuns, como batom, brinquedos ou alimentos. Foram registrados casos de alunos que levaram suco em pó e misturaram na sua garrafinha de água e distribuíram para os colegas. Um aluno do 5º ano, no entanto, acrescentou pinga à mistura e compartilhou com os colegas. Advertido, o aluno negou. Disse que teria passado num empório para comprar balas e que depois percebeu que a garrafa havia aparecido na sua mochila. O aluno assinou a advertência e os pais foram comunicados. Em um dia de prova, um dos alunos trouxe um carrinho, que foi confiscado pela professora, para ser devolvido no final da prova. O aluno então, se recusou a fazer a prova enquanto ela não devolvesse, e o impasse só foi resolvido depois que ligaram para o pai. Em outra oportunidade, um aluno do 3º trouxe um binóculo e alugou para um colega por dois reais. Quando descoberto, foi obrigado a devolver o dinheiro.

- **6.8. Pulou o muro** – Pular o muro da escola não é uma prática comum entre os alunos. Ao longo do ano foram registrados quatro casos entre alunos e alunas dos 5ºs e 6ºs anos. No caso dos meninos, o motivo foi o de recuperar uma bola que havia caído na rua. No caso das meninas, nas três oportunidades o motivo foi para comprar salgado e refrigerante. Em ambos os casos os alunos foram advertidos e os pais foram comunicados.
- **6.9. Matando aula** – Chamamos aqui de “matar aula” as práticas corriqueiras de alunos e alunas de estarem ausentes durante o tempo em que a professora regente da sala está trabalhando os conteúdos e as tarefas referentes à disciplina. De acordo com os registros, essa prática é comum entre os alunos, na sua maioria meninos, desde o 1º ano, passando por todos os outros. Os argumentos são os mais diversos. Há os que precisam “ir ali” dar um recado, os que pedem para ir ao banheiro e não retornam, os que ficam na quadra assistindo às aulas das outras turmas, os que ficam zanzando pela escola, brincando no pátio, os que demoram a voltar do intervalo, os que aproveitam as trocas de professoras e escapam, enfim. No geral, os registros não apontaram nenhum grave incidente por conta dessas práticas. Os alunos, na maioria dos casos foram chamados à atenção e retornaram para sua sala. Os casos de enfrentamento a professoras e funcionárias foram advertidos e comunicados aos pais.
- **6.10. Vandalismo** – Consideramos aqui como vandalismo, os atos de traquinagem que provocam estragos materiais. O termo pode parecer exagerado para os alunos menores, mas como tratamos aqui de casos que ocorrem do 1º ao 8º ano, com alunos de 6 a 13 ou 15 anos, optamos por manter assim denominado. Não são práticas corriqueiras, mas ocorrem com mais frequência do que se imagina, e também envolvem alunos do 1º ao 8º ano. Dentre as regras estabelecidas, é dever do aluno zelar pela escola, conservando seus bens materiais, como também manter o ambiente limpo e organizado, e avisa: “Em caso de vandalismo, o bem deverá ser restituído pelo responsável do aluno, resguardado qualquer prejuízo ao patrimônio público”. Dentre os casos registrados estão práticas do tipo rasgar mapas e cartazes e destruir murais; rabiscar cadeiras, carteiras e paredes, inclusive com desenhos obscenos e palavrões; quebrar ventiladores, jogar pedras em ambientes internos; destruir portas de depósitos; quebrar canos, etc. Houve um caso de registro em que três meninas, durante o período em que aguardavam a abertura do portão para entrar na escola, foram surpreendidas chutando o portão de uma casa da vizinhança.
- **6.11. Outros** – esse item engloba a ocorrência de conflitos diversos que não se encaixam em outros itens e que acontecem vez ou outra, e se tratam de questões com diferentes níveis de complexidade e preocupação. Dentre eles, há registros de alunos que foram surpreendidos por subirem em árvores ou escalarem o alambrado que cerca a escola, colocando a própria integridade física em risco; casos de desperdício proposital de

comida e o caso em que um aluno ficou jogando comida nos colegas; uso de boné durante a aula e casos de problemas com higiene. Os casos mais graves estão entre os alunos maiores: um registro de alguns alunos consumindo bebida alcoólica trazida por um deles, e o caso de um furto de celular, ambos tratados pela escola de forma discreta e responsável.

Aqui encerramos a apresentação dos indicadores, expondo uma tabela com a síntese dos registros de incidência de conflitos com maior frequência na escola pesquisada.

Tabela síntese de incidência de conflitos - maior frequência por ano escolar

Maior Incidência	Natureza	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano
13º	Pega coisas dos colegas	7	0	10	1	9	7	1	4
12º	Sem material	2	3	20	5	4	12	2	0
11º	Questões de Sexualidade	11	5	4	7	6	7	4	1
10º	Dificuldade de aprendizagem	0	11	18	5	3	4	5	5
9º	Provoca os colegas	2	3	5	0	2	11	1	0
8º	Agressão verbal colegas	3	2	7	7	16	15	11	2
7º	Agressão verbal professor/a	2	0	12	1	25	18	12	1
6º	Brincadeira de mau gosto	9	1	15	11	7	34	6	10
5º	Não obedece	24	11	17	10	29	23	8	7
4º	Conversa muito	4	12	12	11	24	62	13	19
3º	Atrapalha a aula/Causa tumulto	11	13	16	8	43	55	15	11
2º	Agressão física colegas	40	14	39	19	27	35	15	13
1º	Não faz atividades	12	18	25	4	27	66	20	25

Algumas considerações

Os resultados da pesquisa revelam que a natureza dos conflitos que ocorrem no ambiente escolar se apresenta de formas diversas, que se repetem com maior ou menor frequência, e perturbam o ambiente em maior ou menor grau. Entre os 40 indicadores elencados, destacamos os 13 que ocorrem com maior frequência e a eles nos deteremos nessas breves conclusões.

As questões que envolvem a sexualidade das crianças, geralmente, são vistas como um tabu pela equipe de educadores. Além de terem que lidar com o posicionamento da maioria dos pais, que enxerga os filhos como anjos e não como seres humanos, as professoras não recebem, via de regra, nenhum tipo de formação para lidar com essas questões. Acontece que elas estão presentes socialmente, inclusive na escola e se manifestam entre todas as idades, como mostra nossa tabela. Não falar sobre essas questões pode ajudar a criar nas crianças representações negativas e

distorcidas sobre a própria sexualidade. Falar sobre a sexualidade, não significa “ensinar as crianças a fazerem sexo”, como prega a bancada fundamentalista que, atualmente, interfere fortemente nas leis do país. Falar sobre a sexualidade significa ensinar às crianças que há comportamentos adequados ao convívio social e outros que são adequados à intimidade de cada um e, portanto, não podem ser compartilhados no ambiente escolar; ensinar que há comportamentos próprios de adultos e que não são comuns entre crianças; ensinar a diferença entre carinho e abuso, para que as crianças saibam identificar e se proteger tanto na escola, quanto em casa e na rua.

Provocações, brincadeiras de mau gosto, agressões físicas e verbais são práticas que vão se naturalizando no ambiente escolar, porque são tratadas, quando são, de forma equivocada. Muitas vezes essas práticas são vistas pela equipe de educadores da escola, como “coisas de criança”, às quais não se dá a devida atenção. Outras vezes são pensadas como “as crianças precisam aprender a resolver os seus problemas”. Sim, está correto, acontece que para aprender a resolver os seus problemas, a criança precisa de parâmetros, de modelos, de intervenções adequadas, a partir de procedimentos permanentes e sistemáticos de mediação e resolução de conflitos, realizados por adultos. É comum se observar nas escolas que as intervenções dos adultos são feitas na forma de comandos e ameaças: “Não faça mais isso”, “Não fale assim com ela”, “Vou ligar para a sua mãe”, “Peça desculpas e dê um abraço no amigo”. Se essas intervenções fossem eficientes, os casos de conflitos relacionados a essas questões não seriam tão recorrentes. Não é eficiente “dar lições de moral no aluno”, porque ele precisa pensar, verbalizar e refletir sobre o que ele fez, e fazer o exercício de se colocar no lugar do outro. E aquele que foi agredido também precisa pensar e falar sobre os seus sentimentos e pensamentos. Precisa ser orientado a não tolerar essas agressões, mas a denunciá-las, se fortalecendo e se empoderando como sujeito de direitos. Por isso a prática de mediação de conflitos é tão imprescindível no ambiente escolar.

Conflitos relacionados a não obedecer, conversar muito, atrapalhar a aula, não trazer material e não fazer atividades, nem sempre, mas via de regra, estão relacionados a casos de dificuldades de aprendizagem dos alunos e ao modelo vigente de escola que trabalha muito mais com a reprodução do que com a produção do conhecimento. As dificuldades de aprendizagem estão necessariamente relacionadas, na sua maioria, a problemas no processo de alfabetização dos alunos, fruto de práticas pedagógicas ultrapassadas que não alcançam a dificuldade dos alunos e, portanto, não consegue fazê-los avançar no seu processo de conhecimento da língua escrita. E ainda, tarefas do tipo: copiar, responder, memorizar são monótonas, maçantes e direcionadas à passividade dos sujeitos, que nem sempre se submetem a ela. Práticas pedagógicas progressistas como a metodologia de projetos tratam o aluno como sujeito ativo, pesquisador, produtor de cultura e de conhecimentos, participativo e reflexivo. Esses tipos de conflitos são próprios, portanto, de um modelo de escola tradicional que não se sustenta no século XXI. Ou trocamos esse modelo ou a escola se tornará um ambiente cada vez mais desagradável e insalubre para alunos e professoras.

Referências

CANAU, Vera Maria. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociólogos*, Porto Alegre, ano 4, nº 8, 2002.

CHAUÍ, M. **Uma Ideologia Perversa**. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 1999. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_1_4.htm Acesso em: 26 de fevereiro de 2016.

CHRISPINO, A. **Mediação de conflitos**: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações. *Revista do Professor*, Porto Alegre, ano 20, n. 79, p. 45-48, jul./set. 2002.

COLL, César et. al. **Desenvolvimento Psicológico da Educação**: Transtornos do Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais v. 3: 2 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

EYNG, Ana Maria; GISI, Maria Lourdes; ENS, Romilda Teodora. **Violências nas escolas e**

representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v 9, n. 28, p. 467-480, set./dez. 2007.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos:** o clima escolar como fator de qualidade. São Paulo, Madras, 2005.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em 5 de março de 2018.

Aceito em 30 de maio de 2018.